

# “Mas ninguém vai ajudar um homem<sup>1</sup>”: a argumentação dos afetos na cultura *red pill*

Ramon Silva Chaves

## *Considerações iniciais*

Frequentemente, analisamos a argumentação a partir de um princípio textual, levando em consideração a dinâmica lógica da construção do argumento. Esse tipo de análise tradicional, muito desenvolvida pela Linguística Textual, contribuiu para a reprodutibilidade da argumentação de caráter lógico-pedagógico, mas desconsiderou os resquícios inconscientes que se revelam na defesa de qualquer argumentação. Considerando que todo discurso se ergue por uma rede interdiscursiva (Maingueneau, 2008, 2015), neste capítulo, investigamos os liames da constituição argumentativa do discurso *red pill* dentro de sua lógica cultural. Esse discurso surge como fenômeno recen-

---

1 Enunciador 3, Thiago Schultz, 57:11, da transcrição do vídeo: <https://www.youtube.com/live/7f1kYXzdnUk?feature=share>, consultado em 26/04/2023.

te na esfera virtual de comunicação, mas que escapa para ambientes *off line* reproduzindo comportamentos do que esse grupo considera ser masculino. O *corpus* que constituímos reúne recortes do discurso extraído de um podcast, formato de programa de entrevista para internet. Neste formato, o discurso *red pill* encontrou uma articulação promissora, para reverberar sua *doxa* argumentativa (Amossy, 2020) e projetou-se para comunidades que chegam aos milhares de adeptos, sobretudo homens cisgênero entre 13 e 35 anos. Nossa análise revela que esse discurso repercute a misoginia, a fim de defender um lugar de masculino, que teria sido perdido, na atualidade, segundo seus enunciadores, fato que esclarece uma lógica de reprodução cultural que enviesa e recorta um modelo de masculinidade. Na análise, consideramos que os enunciadores se posicionam no lugar do *infans*, incapazes de reconhecer a castração como encontro determinante com a lei (Lacan, 1995), por isso, constroem uma lógica própria de legalidade, que flerta com a gravíssima violência de gênero, para garantir uma articulação fálica, baseada numa compreensão de masculino repleto de poder.

Para tal, defendemos a ideia de que a articulação do argumento *red pill* encontra respaldo na construção de um repertório cultural muito particular do próprio grupo. Nesse repertório, o sentido de masculinidade está estabelecido pelas leis da própria comunidade. Sob a égide dessas leis, o sujeito autoproclamado *red pill* assume, por conseguinte, pertencer à comunidade de onde ele deriva como sujeito. O pertencimento a certa construção cultural comprova a própria origem da cultura para o *red pill*, pois

*cultura é também cumprimento de regras, o que envolve igualmente uma interação entre regulado e não regulado. Cumprir uma regra não é obedecer a uma lei da física, dado que tal cumprimento implica uma aplicação criativa da regra em causa 2-4-6-8-10-30 podem representar uma*

*sequência determinada por uma regra. Simplesmente, não é a regra que esperaríamos. Acresce que não podem existir regras sobre o cumprimento de regras, sob pena de infinito retorno. Sem esta abertura, as regras não seriam regras, tal como as palavras não seriam palavras; o que não significa, porém, que todo e qualquer movimento possa ser considerado como o cumprimento de uma regra. O cumprimento das regras não é uma questão de anarquia ou de autocracia. As regras, tal como as culturas, não são nem totalmente fortuitas nem rigidamente estabelecidas — o que significa que ambas têm a ideia de liberdade. Alguém que estivesse inteiramente dispensado de obedecer a convenções culturais não seria mais livre do que alguém que delas fosse escravo (Eagleton, 2005, p. 13).*

Assim, para início de conversa, propomos pensar a argumentação *red pill* como uma válvula de escape sobre o que há de mais íntimo na formação do Eu, que é a constituição do Complexo de Édipo a partir da castração, na teoria psicanalítica. Pode ser que não pareça óbvia a ligação imediata – esperamos torná-la até o fim do capítulo –, mas o que estamos mencionando é que a vinculação do discurso *red pill* a uma noção de cultura, faz-nos perceber certa armadilha argumentativa. Para explicar a mencionada armadilha, é necessário antes perceber que a palavra cultura

*pode também sugerir uma divisão dentro de nós, entre a parte que se cultiva e aperfeiçoa, e o que quer que seja em nós que constitui a matéria-prima para tal aperfeiçoamento. Sendo a cultura entendida como autocultura, estabelece-se uma dualidade entre faculdades mais e menos elevadas, vontade e desejo, razão e paixão, que aquela se oferece instantaneamente para ultrapassar. Agora, a natureza já não*

*é apenas a matéria do mundo, mas a perigosamente apetecevel matéria do eu. Tal como cultura, a palavra significa quer o que está à nossa volta, quer o que existe dentro de nós, podendo facilmente fazer-se lhe corresponder pulsões destrutivas endógenas a anárquicas forças exógenas. A cultura é, assim, uma questão de autodomínio tanto quanto de autorrealização. Se celebra o eu, também a disciplina, estético e ascético a um tempo (Eagleton, 2005, p. 15).*

É notório que a comunidade *red pill* se apresenta como aquela que “representa o homem de verdade”, um “homem natural”. Essa aparente austeridade do argumento dessa comunidade, é o que parece o ponto nodal de nossa investigação: quais os afetos que representam uma força argumentativa que é capaz de qualificar a si própria como correta, ainda que a contemporaneidade e as inúmeras discussões em torno do gênero, da economia, das Ciências Sociais, entre outras, tenham apontado para uma masculinidade menos rígida e mais engajada com a sensibilidade? Por um lado, os *red pill* se isentam da participação contemporânea, voltando-se ao passado e, no mesmo movimento, escondem parte significativa de um afeto ancestral humano, aquele que deriva de uma ideia de onipotência. Essa capacidade discursiva certifica que

*A cultura é uma espécie de pedagogia ética que nos torna aptos para a cidadania política através da libertação do eu ideal ou colectivo sepultado em cada um de nós, um eu que encontra a sua suprema representação no domínio universal do Estado (Eagleton, 2005, pp. 16-7).*

A cultura *red pill* se organiza dentro da própria cultura, como conceito amplo. Retira argumentos das contradições do nosso tempo, ignora a contra-argumentação e erige-se, especialmente, para promo-

ver o que há de mais individual possível: o Eu constituído nos limites do aprendizado da linguagem. Os inúmeros dilemas atuais que lembram o masculino de sua impotência, falha e, essencialmente, *falta* são tamponados na constituição de uma cultural *red pill*, como uma espécie de *cura*.

*Assim, o que a cultura faz é destilar a nossa humanidade comum dos nossos sectários eus políticos, redimindo o espírito das sensações, arrancando o imutável ao temporal e extraindo unidade da diversidade. A cultura significa um tipo de auto divisão bem como de autocura através do qual os nossos eus fragmentados e sublunares não são abolidos, mas aperfeiçoados a partir de dentro por uma mais ideal espécie de humanidade. A fenda entre o Estado e a sociedade civil — entre o modo como o cidadão burguês gostaria de representar-se e o que ele na realidade é — é preservada, mas também desgastada (Eagleton, 2005, p. 18).*

Isso posto, esse capítulo está organizado da seguinte maneira: primeiramente, definimos a nossa zona teórica, a Análise Psicanalítica dos Discursos. Nesse espaço de reflexão, unimos o repertório da Análise do Discurso de tradição francesa à Psicanálise lacaniana. Em segundo lugar, definimos a construção da comunidade *red pill* dentro de nosso corpo cultural. Essa comunidade tem seus próprios códigos, limites e crenças; entretanto, vincula-se ao corpo cultural por meio da construção de uma *doxa* argumentativa, que faz sentido aos sujeitos que circulam dentro dos ambientes discursivo-culturais. Em seguida, qualificamos a noção de *falta* oriunda da Psicanálise lacaniana, como uma categoria de análise do argumento. Enfim, conceituamos a noção de *doxa* argumentativa e propomos uma análise que instrumentaliza a verificação de que o argumento *red pill* opera para tamponar a *falta*.

## *Uma análise psicanalítica dos discursos da argumentação red pill*

Não é novidade que a análise do discurso de orientação francesa (AD) seja uma disciplina híbrida. Nasceu, como comenta Orlandi (2003), da confluência entre o materialismo histórico, a linguística enunciativa e a psicanálise lacaniana. Essa confluência, no entanto, amalgamou-se de modo a fazer que a AD fosse mais bem aproveitada nas escolas de língua e linguística, o que a tornou mais convencionalmente relacionado a essas áreas do que a sua origem interdisciplinar.

A despeito de pertencer à Linguística, a constituição d objeto interdisciplinar possibilitou que a AD pudesse trabalhar com elementos extralinguísticos; assim, a avaliação do repertório sócio-histórico e social de produção de efeitos de sentido de um enunciado foram e são parte do interesse dos analistas do discurso. Michel Pêcheux, comumente relacionado como um dos precursores da AD, comenta o seguinte sobre como a disciplina deve proceder

*Diremos que o caráter material do sentido - mascarado por sua evidência transparente para o sujeito - consiste na sua dependência constitutiva daquilo que chamamos “o todo complexo das formações ideológicas”(…) Isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições etc., recebem seu sentido na formação discursiva na qual são produzidas (...) diremos que os indivíduos são interpelados em sujeitos-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhe são correspondentes (Pêcheux, 1960, pp. 160-1).*

A construção do sentido depende da formação discursiva e da formação ideológica de onde o discurso se origina. É uma fonte de mão dupla pois, de um lado, o discurso extrai dessas condições de produção todo o necessário para ser constituído como é; por outro, o mesmo discurso é uma espécie de vestígio das próprias condições de sua existência, qualificando discursos vindouros.

Desse modo, o discurso não é uma prática vinculada apenas ao sentido dicionarizado das palavras. Essa é uma constatação simples, mas que para a AD é fonte de interesse. Esse interesse nasce, na origem da disciplina, com a preocupação de entender os limites da dominação que um discurso é capaz de ter sobre os sujeitos, tornando-os pouco emancipados diante das práticas cotidianas.

Dimensão parecida tem a Psicanálise, disciplina que participou da fundação da AD; pois a origem daquela está relacionada ao entendimento de que *o homem não é senhor em sua própria morada* (Freud, 2020). A descoberta freudiana do inconsciente como uma zona de controle das ações humanas deu à Psicanálise, de certo modo, a mesma desaprovação que a AD encontrou, a de considerar o sujeito assujeitado. Esse assujeitamento, em ambas, acontece pela anuência do próprio sujeito. Evidentemente, não é um consentimento acordado como um contrato, em que as partes estão plenamente conscientes de si mesmas. Assim, tanto a Psicanálise como a AD, mais do que abordarem o assujeitamento, abordam a clivagem do sujeito, sua fragmentação. O que chamamos de sujeito é, para as duas disciplinas, o visível diante de camadas sócio-históricas e inconscientemente constituídas.

Neste capítulo, apresentamos e defendemos a posição teórica do que convencionamos, por ora, chamar de Análise Psicanalítica dos Discursos (Dunker, Paulon, Milán-Ramos, 2017). Nessa proposição, observamos a construção argumentativa do discurso *Redcast com Tiago Schultz*, exibido em 2022 e, até o momento, com 162.187 visualizações e 105.000 inscritos. O programa de podcast é um programa

que está na maior plataforma de vídeos *on-line* do Brasil e já contou com a presença de personalidades célebres no cenário brasileiro. Thiago Schultz é o enunciador com foco nessa pesquisa, porque sua personalidade é constantemente associada como representativa da comunidade *red pill*, especialmente porque Schultz escreveu os livros “Pílulas da realidade”, Volumes 1 & 2, “O livro das *red flags*”, e “*Red pill 2.0*”, segundo o site do autor<sup>2</sup>. Assim, o discurso recortado tem 3 anunciadores, sendo os dois primeiros *hosts* do podcast, Miguel Moreira, enunciador 1; Junior Masters, enunciador 2; e o terceiro é Thiago Schultz, o *enunciador 3*.

### *Simulacro cultural red pill: a gênese da argumentação*

“Seja um homem de alto valor”<sup>3</sup> é um enunciado muito repetido na página do canal *Red Cast*<sup>4</sup>. Não é um *mau* conselho, uma vez que sugere a construção da autoestima por meio da valorização pessoal. Esse tipo de construção amigável sobre a imagem masculina aparece como uma espécie de rede de apoio entre homens, capazes de compreender o que se considera como fracasso masculino na atualidade. Em especial, nesses espaços de acolhimento, o fracasso tem duas faces: a) financeira, relacionada à estagnação profissional, falta de colocação no mundo do trabalho e remunerações baixas e; b) afetivo-emocional, relacionada ao sujeito desprezado e preterido por mulheres. Nesse contexto, “ser um homem de valor” representa a insubmissão masculina diante da falência financeira e afetiva. Assim, o que esses canais de comunicação se propõem a fazer é mais do que o acolhimento, mas a orientação de estratégias para rejeitar o fracasso, a partir da identificação dos agentes responsáveis por ele.

2 <https://thiagoschutz.com/>, consultado em abril de 2024.

3 Enunciador 3, 47:33. Ao longo do discurso, a expressão apresenta variáveis.

4 Em agosto de 2024, o canal tem mais 125.000 inscritos.



Para o sujeito *red pill*, a falência é o ponto central que marca o sujeito *sem valor*. O sujeito que não tem recursos financeiros ou é recusado sexualmente por mulheres, é um homem incapaz de gozar da própria vida. Ainda que as duas formas de falência, a sexual e financeira, sejam, na grande maioria das vezes, discutidas como fatos isolados pela cultura *red pill*, o sexual e o financeiro têm suas faces intercambiáveis nessas discussões, sendo, portanto, duas faces da mesma moeda.

Frente à inculcação da formação discursiva neoliberal, situada na crença da meritocracia, falir do ponto de vista financeiro está relacionado à inaptidão para um mundo repleto de oportunidades para ganhar dinheiro. O sujeito *sem valor*, não reconhece suas capacidades e, portanto, não as valoriza; assim, não aproveita as ofertas que lhe são convenientes para prosperar. Nesse sentido, dinheiro é o grande objetivo da vida de um sujeito *masculino* e aquilo que determina se esse sujeito tem, ou não tem, *valor*. As mulheres são, desse modo, um termômetro do valor que o sujeito possui no que os membros deste grupo chamam de “valor sexual de mercado”, (VSM).. Essa avaliação esclarece que, para esse grupo, as mulheres não são sujeitos, mas objetos capazes de agregar valor ao sujeito de direito. Considerando o VSM, o sujeito *com valor* poderá negociar o melhor produto e, por portá-lo, ser reconhecido pela comunidade como aquele que tem sucesso. Para a comunidade *red pill*, assumir esse papel simplificado do que significa ser um sujeito *com valor*, representa reconhecer uma realidade ignorada, ou rejeitada, pela maioria.

Em suma, aderir ao discurso e à cultura *red pill* revela, para comunidade que o enuncia, ser capaz de assumir *uma verdade* sobre o mundo: o homem, representado pelo perfil masculino cisgênero, tem em suas mãos a capacidade de garantir um futuro próspero, mas abriu mão desse destino, porque foi convencido do contrário. Dessa ideia de “*uma verdade*” que deriva a expressão “*red pill*”, a “pílula vermelha”.

Na obra de ficção distópica *Matrix*, de 1999, há dois mundos paralelos. Em um deles, está a realidade virtual, onde a maioria dos personagens interagem. Nessa realidade, há o mundo do trabalho, das repetições do cotidiano, da vida como a conhecemos. No outro, há o *mundo real*, em que se percebe que o *mundo virtual* é uma criação de máquinas superinteligentes, que escravizaram os seres humanos para extrair deles sua energia. Para isso, essas máquinas criaram o *mundo virtual* que mantém os seres humanos entretidos enquanto a exploração acontece. Nesse cenário, um grupo de rebeldes humanos tenta encontrar outros humanos dissidentes do regime de exploração das máquinas e produzir uma guerra de libertação. Os personagens mais representativos dessa rebelião são Morpheus, uma liderança rebelde, e Neo, um jovem *hacker* que, na trama, é uma espécie de messias capaz de apreender a dinâmica das máquinas e, por isso, destruí-las. Em uma das cenas iniciais, Morpheus oferece a Neo duas pílulas; uma azul e outra vermelha. A pílula azul representa a escolha de permanecer no *mundo virtual*, a chamada *Matrix*. A segunda, por sua vez, representa rebelar-se contra a lógica ilusória das máquinas e aceitar um destino heroico. Deste ponto vem o gancho que o discurso *red pill* assume: ser um *red pill* significa tomar a pílula vermelha, capaz de libertar homens de uma realidade virtual, condicionante e medíocre.

A rebelião que um autoproclamado *red pill* encampa é, assim, voltar a um lugar que é masculino por direito, um pseudoespaço-temporal, onde os sujeitos masculinos eram homens de valor, porque assumiam certa posição de líderes e não tinham diluído a própria masculinidade por meio dos efeitos da contemporaneidade. Essa posição adere a um sistema de simulacro (Baudrillard, 1991), pois a relação dos sujeitos com o grupo é mais representativa da própria identidade do que com o tempo e o espaço *reais*, o que faz essa “verdade” ser empreendida como concreta.

Os sujeitos que aderem à cultura *red pill* essencialmente aderem a uma realidade que só vale dentro dos limites discursivos da pró-

pria comunidade cultural. Nessa realidade, há um contrato mínimo: homens são sujeitos cujas características marcam poder e desejo, o poder do dinheiro e o desejo das mulheres. Se algo escapa desse contrato mínimo; por exemplo, que o sujeito não tenha sucesso financeiro, há algo de errado em seu comportamento, a conduta desse sujeito precisa mudar, porque, sendo homem, é natural alcançar o sucesso financeiro. Se uma mulher recusa o sujeito desse grupo, é um problema fundamentalmente dela, afinal ele deve ser desejado. Essa lógica, presume, pois, que para um *red pill* nada falta. Ele é um homem completo.

Esse simulacro cultural, com o qual o grupo *red pill* se relaciona, evoca, portanto, algo faltante. O que falta ao sujeito que adere ao *red pill*, senão a sensação anterior à castração? Ora, o sujeito *red pill* supõe que há um lugar no passado masculino onde os homens podiam tudo; esse lugar também pertence ao sujeito que está no presente, mas foi perdido. Ainda que esse sujeito esteja envolvido pela dinâmica da materialidade concreta da vida, que é a de que pessoas não podem tudo, os *red pill* constroem uma lógica argumentativa que *um homem de valor* é aquele que tem tudo o que deseja. Ainda que esse desejo esteja marcado pela ideia de dinheiro e mulheres, não podemos desconsiderar que os dois elementos que qualificam *um homem de valor* sejam determinantes fálicos, mormente num contexto de formação discursiva neoliberal.

Consequentemente, o sujeito masculino que experimenta a falta de algo é considerado fracassado. O fracasso está associado ao desamparo, à ideia pura da rejeição, um sujeito que falha e não terá ajuda. No recorte abaixo, o *enunciador 3* defende a tese de que um homem na *posição* da falta, que sofre, será desamparado.

## 01. Recorte

00:56:52 Enunciador 3

*Homem tem sentimento, beleza, ok, tá?*

00:56:55 Enunciador 3

***Mas a gente, como homem, cara, não dá pra ser fraco, não tem escolha, tá?***

00:56:59 Enunciador 3

*Eu falo assim, se der um B.O.*

00:57:02 Enunciador 3

***pra mulher, tipo, ela vai ter uma amiga que consola, vai pra família.***

00:57:06 Enunciador 3

*Sempre alguém vai acolher uma mulher.*

00:57:07 Enunciador 1

*Vai ter um gado na internet.*

00:57:09 Enunciador 3

***Isso, sempre alguém vai ajudar uma mulher, cara.***

00:57:11 Enunciador 3

***Mas ninguém vai ajudar um homem.***

Adam (2019, p.146) menciona que a argumentação pode ser observada em diferentes “níveis”: da estrutura composicional, da semântica e dos atos do discurso. Ao notarmos o 01. Recorte, a tese defendida é solidificada pela sequência construída após a adversativa “mas”, em “b” e “h”. Essa tese está ancorada ao masculino em desamparo, que não tem colaboração. Ainda que o discurso *red pill* pareça estar focado na construção do “homem de valor”, é no seu oposto, o “homem sem valor”, que o discurso solidifica a justificativas para crer

na comunidade *red pill*. A um sujeito submetido a essa condição, a comunidade *red pill* chama de “*bluepill*”, o sujeito masculino, que não aceitou ou não compreendeu o lugar de não faltante que um homem tem por direito.

Dentro da lógica dessa comunidade cultural, assumir a posição de *red pill* significa entender um saber da coletividade, que sustenta os enunciados “*b*” e “*h*”, e, além deles, que também sustenta os enunciados “*d*” e “*g*”. Evidentemente, a noção de formação discursiva neoliberal, bem como os seus inúmeros atravessamentos, como o machismo estrutural e a homofobia estrutural, consolidam parte desse repertório de simulacro em que um homem não pode ter suporte emocional, pois isso ameaça a posição de homem. Desse modo, um *red pill* é aquele que é autocentrado, aquele para quem nada falta.

### *A falta como passado red pill*

Um dia não nos faltou nada. Em uma narrativa simbólica de nós mesmos antes do envolvimento humano que associa linguagem e cultura, dado pelo banho libidinal dos cuidados essenciais na primeira infância, tanto Freud quanto Lacan (Miller, 2008), aceitam que o bebê é um perverso polimorfo. Isso significa dizer que a criança, antes de colar à linguagem, capacidade inata de simbolizar, à cultura, elemento social simbolizado, fará uso do mundo ao seu bel prazer. Neste momento da vida instintual do ser humano, é dado que nada nos falta, uma vez que tudo é simbolizado a partir de uma lógica de gozo instintual.

Na comunidade *red pill* que observamos, parece-nos que o masculino ocupa uma posição de *infans*, essencialmente; uma vez que não atualiza a castração como um dado da própria materialidade constitutiva, pois “*Para que um sujeito atinja maturidade genital é preciso, em suma, que ele tenha sido castrado*” (Lacan, 1995, p. 221). Assim, antes da castração, o sujeito na posição infantil entende que

pode tudo e que, a ele, tudo é, consequentemente, possível. Estamos, aqui, articulando intrinsecamente dois campos teóricos, o linguístico e o psicanalítico, no que eles parecem mais concordar:

*(...) a linguagem é a matéria do pensamento, e também elemento da comunicação social. Não há sociedade sem linguagem, tal como não há sociedade sem comunicação. Tudo o que se produz como linguagem tem lugar na troca social para ser comunicado. A pergunta clássica: “Qual é a função primeira da linguagem: a de produzir um pensamento ou a de comunicar?” não tem nenhum fundamento objetivo. A linguagem é tudo isso simultaneamente, e não pode existir uma destas funções sem a outra. Todos os testemunhos que a arqueologia nos oferece de práticas de linguagem se encontram em sistemas sociais, e por conseguinte participam de uma comunicação (Kristeva, 2007, p. 17).*

Não é exagero dizer, por conseguinte, que o argumento *red pill* soa como delirante a integrantes de outros campos da *doxa* argumentativa (Amossy, 2020), uma vez que é dentro desses campos onde estão as regras da própria argumentação e limites desses argumentos. O que se impõe, entretanto, não é necessariamente um argumento que se organiza no nível do consciente, racionalmente constituído de maneira lógica, apenas. Em resumo, habituamo-nos a chamar de argumento somente o que pode ser testado e mostrado por meio de sequências racionalmente lógicas. Assim tem trabalhado a Linguística Textual, para dizer o mínimo. No caso *red pill*, porém, vê-se a construção afetuosa marcada pela posição do *eu* frente à *falta*.

Essa posição, de acordo com as observações psicanalíticas, condicionantes de todo sujeito é, por meio das malhas neoliberais, prometida ao sujeito masculino como um lugar de direito que, na sua própria ancestralidade, foi destituído. Portanto, basta mudar o modo

de pensar sobre si mesmo que esse lugar será recondicionado, porque ele é natural. De fato, a perversão do mundo é um lugar natural a todo sujeito, algo que nos foi tirado em certo momento. O que fazemos dessa dor é o que nos interessa.

## *O afeto como parte da doxa argumentativa*

A tradição escolar brasileira deu à argumentação ponto focal. O final do ciclo do ensino médio é marcado pela participação discente no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) que exhibe como centralidade a escrita do gênero redação dissertativo-argumentativa. Vê-se, assim, que a escrita de um gênero, tendo como sequência argumentativa o ponto mais alto do aprendizado básico nacional, exemplifica a preocupação do Estado com a argumentação. É, sem dúvida, um lugar de prestígio. Nas escolas públicas de educação básica, a argumentação é ensinada por meio da capacidade de um discente de defender uma tese baseada em seu repertório. Esse modelo de ensino tem certo sucesso, pois a educação pública brasileira é, não podemos negar, um exemplo positivo, quando se trata da capilaridade e da definição de saberes básicos a serem desenvolvidos ao longo da formação da criança e do adolescente<sup>5</sup>. Quanto à qualidade do que se oferece na educação básica e a consistência em toda a malha de oferta há, entretanto, muita crítica negativa. Ainda que não seja uma discussão direta deste capítulo, nossa discussão incide sobre as lacunas do ensino da argumentação baseado no texto.

Não obstante a argumentação seja oferecida como objeto de ensino, sua oferta instrumentalizada para a escrita da redação traz problemas na construção do repertório argumentativo em outros es-

---

5 O ensino da argumentação também pode ser verificado na Educação de Jovens e Adultos. A resolução CNB/CEB nº1, de 5 de julho de 2000 indica a proporcionalidade dos componentes curriculares entre ensino em idade convencional e educação de jovens e adultos.

paços onde essa é convocada. Em 2012, apresentamos a conferência “Redação dissertativo-argumentativa: uma cenografia problemática” (Chaves, 2012). Na ocasião, defendemos que o ensino da sequência argumentativa vinculado a apenas alguns gêneros do discurso, enviesa a aprendizagem e produz a dificuldade de *transportar* a argumentação para outros espaços onde ela é exigida. Posição parecida, defende Silva (2023), ao demonstrar e revisar desafios para adequação do ensino argumentativo no ensino médio. Fato que corrobora a ideia de que o ensino da argumentação como instrumento apenas da redação é problemático.

Faz sentido considerar o ensino instrumental da argumentação, especialmente ao observar as necessidades políticas brasileiras. Em um país de demografia da proporção brasileira, é essencial que todos os estabelecimentos de ensino adotem uma estrutura mínima e prática no ensino. Mesmo assim, há algo que escapa desse tipo de formação: o que orbita a construção argumentativa como a agência de um sujeito sobre o outro, a tensão entre posicionamento argumentativo e, especialmente, a defesa do afeto do sujeito que argumenta; por exemplo.

Por isso, parece-nos pertinente pensar sobre um ensino de argumentação que considere, também, o afeto, como uma forma do enunciador agir sobre o *outro*, construindo e confirmando, simultaneamente, a própria identidade a partir de um posicionamento inconsciente. O que possibilita essa reflexão associativa é a integração da argumentação ao discurso. Em um princípio textual, ficaríamos nas estruturas lógicas da argumentação mas, ao tratarmos do discurso, podemos estender a noção da argumentação aos sujeitos e espaços, onde essa argumentação circula como sequência textual. Nas palavras de Amossy,

*todo discurso supõe o ato de fazer funcionar a linguagem num quadro figurativo (“eu”- “tu”); está imerso na trama*



*dos discursos que o precedem e o cercam; produz, de bom ou de mau grado, uma imagem do locutor e influencia as representações ou as opiniões de um alocutário. Nesse sentido, o estudo da argumentação e do modo como ela se alia a outros componentes da espessura dos textos é parte integrante da análise do discurso (Amossy, 2020, p. 12).*

Ao considerar a argumentação associada ao discurso, pressupõe-se inserir em uma análise elementos composicionais do campo sócio-histórico e cultural da enunciação. Desse modo, nessa avaliação, como está explícito no comentário de Amossy, acima referido, o quadro figurativo entre o “eu” - “tu” precisa ser avaliado por uma rede de marcadores simbólicos e psíquicos, que importam para a construção da análise, pois informam sobre a produção de efeitos de sentido do discurso. Esses marcadores emergem da verificação do texto e, num só golpe, justificam a organização do texto de onde emergem.

É mais comum, contudo, entender a argumentação como uma sequência textual baseada em dois movimentos: um inicial, de sequência explicativa, chamado de tese; e outro de validação ou refutação da tese, chamado de desenvolvimento ou *argumento*. Assim, a sequência argumentativa é orientada por um princípio de texto reduzido, a tese, e o texto expandido, o argumento. Utilizamos, abaixo, um exemplo extraído do Canal *RedCast*. A sequência argumentativa destacada insere-se no contexto de uma discussão sobre “por que a mentalidade *red pill* traz “benefício benefício ao homem”.

## 02. Recorte

00:14:05 Enunciador 3

*Deixa eu ver quando que eu posso passar isso pra vocês.*

00:14:10 Enunciador 2

*Não, cara.*

00:14:10 Enunciador 3

*Têve...*

00:14:14 Enunciador 3

***Sempre tem uma ou outra que dá uma chacoalhada a mais a gente, né?***

00:14:18 Enunciador 3

*O que assim, sempre me blindou de certa forma, tá?*

00:14:20 Enunciador 3

*Isso assim, não é puxar sardinha pro meu lado nem nada, mas é o seguinte.*

00:14:23 Enunciador 3

*É quando o homem entende que fala, cara, se eu der o meu máximo na parada...*

00:14:30 Enunciador 3

***Tá tudo bem, entendeu?***

00:14:31 Enunciador 3

***Então, tipo assim, eu saio de cabeça erguida e quem perdeu foi ela.***

A estrutura básica está esclarecida no 02. *Recorte*. O contexto da conversa ancora-se à tese de que um homem, que se valoriza, por meio dos saberes teóricos da comunidade, muda a lógica do sofrimento ao ser rejeitado. Assim, a lógica do argumento fica clara, sobretudo, no 01. *Recorte* “d”, como tese, e em “g”, “h” e “i” como razões que justificam a tese.

A argumentação, como vemos, serve para uma defesa. É, assim, um modo de ação organizado em uma estrutura dialógica: um *eu* diz a um *outro* sobre um modo de perceber o mundo. Argumentar é, portanto, uma sequência estrutural de ação sobre o outro. Nas palavras de Jean-Michel Adam

*Um discurso argumentativo visa intervir sobre opiniões, atitudes ou comportamentos de um interlocutor ou de um auditório, tornando crível ou aceitável um enunciado (conclusão) apoiado, de acordo com diversas modalidades, em um outro (argumentos, dados, razões) . Essas noções de conclusão e de dado ( ou, ainda, de premissas) remetem à uma outra, pois um enunciado isolado não é, a priori, conclusão ou argumento-dado. Se um (apenas ou vários) enunciado aparece como sendo anterior a uma conclusão, é a posteriori que se relacionam com essa última (Adam, 2019, p. 146).*

Dentro desse quadro argumentativo mínimo, o de que a argumentação se estabelece como sequência em dois movimentos, um de tese e um de desenvolvimento, revela-se que o sujeito que argumenta deve incidir sobre o *outro* ou auditório, de modo a fazer crer que há algo novo a ser percebido por meio da construção lógica da tese e das razões que a sustentam.

O recorte, que separa a argumentação em duas partes, indica que cada uma delas pode ser observada em sua função na argumentação. Assim, ao tratarmos da tese e razão, em algumas construções argumentativas, aquela serve como causalidade da construção da realidade do enunciador, e esta como efeito dessa causalidade. Tese e razões são, assim, causa e consequência da construção da imagem do real para o co-enunciador, aquele que recebe o discurso.

No entanto, esse *real* está, ao que podemos observar, apenas em parte ligado à lógica da construção textual, é uma simulação. Além da argumentação que se ancora à malha de formações discursivas, que garantem lógica ao discurso, há a construção afetuosa do medo do abandono e a certeza da *falta*. O *domo* argumentativo de onde o enunciador *red pill* enuncia é marcado pela certeza de que

um homem não pode ser amado e, ao mesmo tempo, nada falta a um homem *red pill*.

### *A doxa red pill: um espaço de onde se argumenta*

Já está claro, supomos, que o discurso *red pill* fundamenta-se por uma rede emocional. O enunciador espera gerar em seu auditório modelo de reconhecimento de sentimentos de rejeição, depreciação e, como mencionamos anteriormente, falta. Essas emoções constroem adesão ao argumento sem, necessariamente, precisar justificar a argumentação de maneira racionalmente lógica como faria a Filosofia, por exemplo. Uma vez que o sentimento é um dado sinestésico, podemos supor que ninguém *quer se sentir rejeitado*, ou, como aparece na estrutura argumentativa do 03.Recorte “b”, abaixo, *não servir para nada*.

#### 0.3 Recorte

00:25:24 Enunciador 3

*Você pode ser um cara redpillado fudido, mas se você não sabe, tipo, seduzir uma mulher, tipo, não serve pra nada.*

00:25:28 Enunciador 3

*Você pode, tipo, ser um cara muito bom na sedução, mas se você não sabe o red pill, você vai tomar no cu com uma redflag alguma coisa e vai se fuder, entendeu?*

Para Amossy (2020, p. 198) *levar em conta as paixões que movem o ser humano dá origem, assim, a uma visão da retórica como a arte de tocar os corações*. Vê-se que dentro do repertório de uma análise retó-

rica dos discursos<sup>6</sup> existe a preocupação de como as emoções podem ser utilizadas para a sustentação da ordem argumentativa. O enunciador, também podemos ver, comprova emoções. Por meio da expressão mal-educada, por exemplo, ele se reporta ao abandono, à ideia de desamparo que o argumento *red pill* executa como *doxa*. Há uma certeza sobre a masculinidade, que faz entender o processo emocional que edifica toda a estrutura discursiva. Tanto em *03.Recorte «a»* quanto em *03.Recorte «b»*, a consequência de não ser um *red pill* está relacionado a duras consequências emocionais.

A argumentação em *03. Recorte «b»*, ainda, constitui-se por uma estrutura compatível à mencionada por Adam (2019), informando ao sujeito que não basta ser *um cara muito bom na sedução* pois, sem aderir ao discurso *red pill*, o auditório se deparará com um vazio, um problema, algo que o destituirá da posição de não faltante. A Retórica atual e AD observam a construção dessa argumentação como «a arte de tocar o coração». Definitivamente, é um modo belo de dizer como o argumento gera adesão, sem uma explicação de como esse «toque» acontece, isso nos parece ingênuo.

O que propomos pensar, de modo banal, é que o plano emocional da argumentação se dá de modo semiconsciente. Opomo-nos, grosseiramente falando, à ideia de que as emoções são aleatórias e totalmente imprevisíveis. No caso da argumentação do discurso *red pill*, podemos considerar que a relação emocional criada entre enunciador e co-enunciador se enraíza no que identificamos como a *doxa red pill*, ou seja, uma certeza: os homens não são faltantes. Notemos o *04. Recorte*.

---

6 Consideramos localizar o pensamento da teórica dentro dessa nomenclatura, uma vez que a autora organiza seu trabalho da confluência da Análise do Discurso e da Retórica.

## 04. Recorte

00:36:20 Enunciador 3

*Não que foi um puto arrependimento, mas, digamos assim, eu acho que aquela coisa, assim, do...*

00:36:27 Enunciador 3

***de você, de alguma forma, direta ou indireta, você coloca a mulher no pedestal.***

00:36:30 Enunciador 2

*Isso é foda, meu irmão.*

00:36:32 Enunciador 3

***Mano, isso, pra um relacionamento, isso é muito foda.***

00:36:35 Enunciador 3

*Por quê?*

00:36:36 Enunciador 3

***Porque você cresceu com aquela mentalidade, cara, de florzinha, de agradecer a mulher, de não sei o quê, de ser um bom marido, de não discutir.***

00:36:44 Enunciador 3

*E aí você junta com o preceito religioso ainda, e pá pá pá, entendeu?*

00:36:48 Enunciador 3

*Então, o que que acontece?*

00:36:49 Enunciador 3

*O que que eu aprendi?*

00:36:50 Enunciador 3

*Tá, isso assim, eu fui aprender, tipo, depois...*

00:36:53 Enunciador

*Eu comecei a ver isso fazendo sentido depois, mas depois da redpill, que caiu a ficha, que fechou a conta, né?*

00:36:59 Enunciador 3

***A questão é o seguinte, cara.***

00:37:00 Enunciador 3

***O cara, o homem, ele faz o propósito dele, e a mina que quiser chegar junto, velho, é ela que chega, entendeu?***

00:37:06 Enunciador 3

*Então, o que que acontece muito?*

00:37:09 Enunciador 3

***O homem é o rei e a mulher é a rainha.***

00:37:11 Enunciador 3

***Não é a mulher que é o rei e o homem é a rainha.***

00:37:13 Enunciador 3

***Ponto final.***

00:37:13 Enunciador 3

*Eu já falei isso num outro podcast, né?*

00:37:15 Enunciador 3

*Então, assim...*

00:37:16 Enunciador 3

***O homem é o rei e a mulher é a rainha.***

00:37:18 Enunciador 3

***Ah, eu não quero ser a sua rainha.***

00:37:19 Enunciador 3

***Não tem problema, vai ter uma outra que vai querer.***

00:37:21 Enunciador 3

*A outra não quer.*

00:37:22 Enunciador 3

***Uma hora uma mina, cara, se você tá arrebrandando na sua parada, uma hora chega uma mina na sua vida que vai querer somar.***

Em 04. *Recorte*, há duas teses que se articulam: “*b*” e “*d*”. Poderíamos inclusive, reduzi-las ao seguinte texto: *colocar a mulher em um pedestal é ruim*. O enunciador 3 tem o posicionamento de que uma mulher deve ser “a rainha”, estar numa relação como um par para o homem, um rei. Não fica claro, em 0.4 *Recorte*, qual a relação socioemocional que incide sobre a *doxa red pill*, mas percebemos uma noção sobre o lugar da mulher na relação, especialmente em “*l*”, “*o*”, “*p*” e “*q*”. Todos esses argumentos reforçam o lugar de que o homem é um ser de poder ou como temos defendido, não faltante.

Na cultura, a figura do real é a do soberano, déspota, poderoso. Ao procurarmos o verbete “rei” em um dicionário *on line*, verificamos o seguinte significado:

substantivo masculino

1. Título de nobreza mais alto de um reino. = MONARCA, SOBERANO

2. O mesmo que *rei consorte*.

3. Título do pai do rei.

4. [Figurado] Pessoa, coisa ou entidade que tem poder ou influência.

5. Primeiro ou mais destacado entre os da sua classe ou área.

6. [Jogos] Primeira figura de cada naipe, nas cartas do baralho.

7. [Jogos] Principal peça do xadrez, que pode movimentar-se a qualquer distância e em todas as direções e que no início do jogo está entre a rainha e o bispo.



8. [Jogos] O que sentenciar, em certos jogos. “rei”. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/rei>, consultado em julho de 2024.

Nos verbetes 4 e 5, observamos o uso da expressão “rei” pelo enunciador 3. Esses verbetes nos ajudam a perceber como a expressão circula na cultura, permitindo-nos entender que, para o enunciador 3, a palavra não se refere apenas a uma posição política, mas também a uma posição de poder. Esse entendimento é fundamental para compreendermos a articulação argumentativa. Além disso, é importante perceber que “rei” e “rainha” não aparecem de modo equilibrado. Ainda que possa existir correlação de poder entre um rei e uma rainha, o marcador de gênero também importa muito para o enunciador 3. Isso pode ser verificado em “p” e “q”. A despeito de todo poder que uma rainha, posição política, possa ter, ela não pode ser um rei e ponto final. Ser rei é, portanto, um marcador de poder e de gênero, daquele que é *primeiro ou mais destacado entre os da sua classe ou área*.

Ao apresentar a posição de *um rei*, o discurso *red pill* exercita a sedução. Entregar a um co-enunciador a promessa de um *reinado* todo poderoso, é apresentar um lugar no futuro em que o sujeito pode tudo. E é por essa via que a estratégia emocional *toca* o coração. Mais uma vez, percebemos a promessa de um lugar onde o poder maximiza a posição do sujeito à *não faltante*.

Resta-nos, ainda, perceber como a argumentação qualifica as mulheres. Como vimos, as mulheres são reduzidas da condição de sujeito e passam a ser acessório de um sujeito não faltante. Esse ponto, acreditamos, é o mais determinante para o pensar uma argumentação dessa comunidade. Vejamos o 05. *Recorte*.

## 0.5 Recorte

00:48:49 Enunciador 3

***E eu falo, assim, o que seria, por exemplo, uma mulher de alto valor pra mim, por exemplo, né?***

00:48:52 Enunciador 2

*Quais seriam as características?*

00:48:53 Enunciador 3

***Cara, primeira coisa, uma mulher de alto valor pra relacionamento, ela tem que somar pro cara.***

00:49:36 Enunciador 2

Mas as estatísticas dizem que as mulheres eram mais felizes nessa época.

00:49:39 Enunciador 3

Então, beleza.

00:49:40 Enunciador 3

*Então, você matou a pau o que eu tava...*

00:49:42 Enunciador 2

*Essa pesquisa da década de 70 mostra que as mulheres casadas naquela época eram mais felizes que as atuais.*

00:49:48 Enunciador 2

*Inclusive, elas eram mais felizes que os homens.*

00:49:50 Enunciador 3

*Então, maravilha.*

00:49:51 Enunciador 3

*Então, você matou a pau que eu já tava supondo que eu joguei o que eu achava aqui.*

00:49:55 Enunciador 3

***Então tem esse ponto, cara.***

00:49:56 Enunciador 3

***Então assim, o que a mulher quer?***

00:49:57 Enunciador 3

***Ela quer ser servida, cara.***

00:49:58 Enunciador 3

***Ela não quer servir, entendeu?***

00:50:00 Enunciador 3

***Então por isso que eu falo, você quer ser uma mulher de alto valor?***

00:50:03 Enunciador 3

***Como você vai servir o seu homem?***

00:50:05 Enunciador 3

***E, ah, você é machista.***

00:50:06 Enunciador 3

***Não, tô falando sério.***

00:50:07 Enunciador 3

*Como você vai servir o seu homem?*

00:50:08 Enunciador 3

***Porque o seu homem vai estar te servindo de alguma forma.***

00:50:10 Enunciador 3

***O seu homem vai estar lá te servindo, te provendo, te dando a proteção física, financeira, emocional.***

00:50:15 Enunciador 3

***Qual que é a contrapartida?***

00:50:17 Enunciador 3

*Como que você vai servir ele de volta?*

É curiosa a pergunta retórica que o enunciador 3 faz no 05. *Recorte* “m”, “o que a mulher quer?”, uma vez que o texto todo se organiza, para justificar o que falta a um homem. E, sobre esse último ponto, parece surtir efeito em abordar que um sujeito que tampona a própria falta é, em si mesmo, um objeto acabado (Lacan, 1995).

Em 05. *Recorte*, a tese defendida aparece em “p”, que poderia ser traduzida em *uma mulher de alto valor é aquela que serve um homem*. Entretanto, de qual serviço o enunciador 3 fala? De qual contrapartida ele se refere, como está em “w”? Essa tese é defendida, em parte, em “u”, *porque seu homem vai estar te servindo de alguma forma*. Esse serviço, sabemos, tem a ver com o fato de que não falta nada a um homem *red pill* mas, paradoxalmente, para que não lhe falte nada ele precisará assumir os símbolos de sua própria falta, a mulher e o dinheiro. É notório que essa ação simbólica está relacionada à ilusão da castração fálica. O falo perdido na infância assombra o imaginário masculino e, na *doxa* sedutora *red pill*, a promessa é que, por meio das mulheres e do dinheiro, não faltará nada.

*Considerações finais*

*Ninguém vai ajudar um homem* é um ponto de partida para construir a sedução *red pill*. A *doxa* dessa comunidade cultural ancora seu discurso em um gesto emocionado: o desamparo masculino frente à *falta* é algo que pode ser reconquistado com base na mudança de posicionamento do sujeito. Mostramos, neste capítulo, que a *doxa*, entendida como um emaranhado interdiscursivo, revela as condições sócio-históricas e culturais, que moldam o perfil da comunidade *red pill*. Argumentamos que a formação discursiva neoliberal é o princi-

pal determinante do sujeito contemporâneo para essa comunidade, e essa determinação delinea o “sujeito de valor” que, em essência, é também o sujeito com valor sexual. No contexto dessa organização cultural, esse valor sexual é interpretado como a capacidade de um homem em conquistar e manter uma companhia. No entanto, essa companhia também precisa comprovar valor, sendo que o valor feminino é determinado por sua capacidade de agradar o homem.

A partir disso, defendemos uma postura teórica baseada na Análise Psicanalítica dos Discursos, pois associamos as condições materiais, linguísticas e culturais do enunciado às questões inconscientes. Nesse contexto, as noções de castração e falta, conforme elaboradas por Lacan (2015), foram primordiais, para explicar como o argumento *red pill* se apoia na posição de *infans*. Assumimos, assim, que nossa contribuição reside no fato de confirmar que o argumento *red pill* depende de uma audiência incapaz de perceber as condições culturais do neoliberalismo e, além disso, de compreender que a falta é algo constitutivo do sujeito. Essa audiência se torna vulnerável, ao aceitar a ilusão de que poderá, em algum momento, ocupar um lugar de não faltante, um lugar onde se assume a posição de “rei” e as mulheres dizem sempre “sim”. Felizmente, esse lugar não existe. Esperamos, com este capítulo, contribuir para a diluição dessa ilusão sedutora, mas deletéria.

## Referências

- ADAM, Jean-Michel. *Textos, tipos e protótipos*. Trad. Mônica de Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2019.
- AMOSSY, Ruth. *A argumentação no discurso*. Coordenação de tradução: Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio-Ferreira, trad. Ângela M.S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2020.

- BAUDRILLARD, Jean. *Simulacros e Simulação*. Trad. Maria João da Costa Pereira. Santa Maria. Relógio D'água, 1991.
- CHAVES, Ramon Silva. Redação dissertativo-argumentativa: uma cenografia problemática. *Simpósio internacional de (des)cortesia*, Universidade Cruzeiro do Sul, 2012.
- DUNKER, Christian Iago; PAULON, Clarice P.; MILÁN-RAMOS, J. Guillermo. *Análise psicanalítica dos discursos: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2017.
- EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. Revisão técnica César Mortari. São Paulo: UNESP, 2005.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930). Cienbook, 2020.
- KRISTEVA, Julia. *História da Linguagem: a histórias das diversas concepções de linguagem até às modernas descobertas que permitiram a constituição da linguística como ciência*. Lisboa: Edições 70, 2007.
- LACAN, Jacques. *Seminário IV: a relação de objeto*. Trad. Dulce Duque Estrada Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2008.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise de Discurso*. Trad. Sírio Possenti. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2015.
- MILLER, Jacques-Alain. A lógica do tratamento do pequeno Hans segundo Lacan. *Asephallus: Revista Eletrônica do Núcleo Sephora*, v. 4, n. 7, p. 70-85, 2008.
- ORLANDI, E. P. *Análise do Discurso: princípios e procedimentos*. 13ª ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.
- PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADDET Françoise; HAK, Tony (Org.). *Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Trad. De Eni P.

Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010. pp.61-253.

PRIBERAN, DICIONÁRIO. *Verbetes “rei”*. [online], 2008-2013. 2019.

SILVA, Alexandre Marques. Ensino de argumentação e leitura crítica da mídia: uma proposta para o desenvolvimento da capacidade argumentativa. *Linha D'Água*, v. 36, n. 3, p. 128-153, 2023.

